

**CESAR FERREIRA
DO BENFICA**

defesa—que se tem afirmado últimamente e que teve no último domingo uma excelente tarde

(foto Nunes de Almeida)

Stadium

N.º 78 ★ 31 DE MAIO DE 1944



DUPLOS PARABENS PARA O ATLETISMO!

A propaganda e o progresso do atletismo — modalidade que ocupa posição culminante na escala dos desportos, podendo quasi considerar-se como o expoente indicativo do grau de aperfeiçoamento desportivo de cada país — necessitam de há muito um impulso superior para atingir o nível que a importância das práticas e cuidados da educação física em Portugal justificam.

A iniciativa particular e o esforço dos organismos dirigentes esbarravam sempre de encontro a insuperáveis obstáculos, todos directamente ligados a questões de ordem financeira. Federação, associações, clubes nunca tiveram receitas para largos empreendimentos — e o atletismo tem vivido no ramerrão de um programa mínimo de organizações, escurado nos fracos recursos próprios, em carência técnica e à mingua de expansão.

Em boa hora, portanto — na hora de um ressurgimento a que a inauguração do Estádio Nacional deve vir trazer novas energias — surgiu, com a criação da Direcção Geral dos Desportos, um organismo competente para im-

primir a todo o movimento desportivo o sentido mais proveitoso e fornecer às modalidades mais úteis os elementos materiais e morais indispensáveis ao cabal desempenho das suas atribuições.

Começou, por um lado, a imprescindível depuração dos quadros dirigentes, e, por outro, entrou em caminho de realidade o plano construtivo elaborado em estreita colaboração com a Federação Portuguesa de Atletismo.

A conveniência imediata de fazer instrutores, apetrechando, com bagagem técnica e científica adequada, um número de indivíduos suficiente para o desempenho das funções de treinadores competentes, foi encarada com firmes propósitos decisivos e, depois de consideradas diversas hipóteses, solucionada como as circunstâncias melhor aconselhavam.

Depois de ponderada a ideia de trazer para Portugal um tecnico sueco e afastada esta por motivos imperiosos, a Direcção Geral dos Desportos decidiu instituir, para trabalhar em íntima colaboração com a F. P. A., uma escola de treinadores e, como aliás não podia deixar de ser, confiou a sua direcção ao nosso prezado amigo e colaborador dr. Salazar Carreira, que vê assim consagrados com justiça os seus esforçados trabalhos em favor do atletismo e a sua competência tantas vezes demonstrada.

Stadium regista com sincera alegria o acontecimento, não só porque põe em relevo, merecido de há muito, o valor de um dos seus mais prestigiosos redactores, como também porque de antemão se apercebe de quanto vão beneficiar o aperfeiçoamento tecnico e a divulgação do atletismo — que nas nossas páginas tem servido com particular empenho.

Ao sr. director geral dos Desportos já foi entregue pelo dr. Salazar Carreira o plano do curso e as bases de outras iniciativas ligadas

aos mesmos objectivos, que devem ser concomitantemente postas em prática. É provável que a inscrição para este primeiro curso de instrutores seja anunciada muito em breve, a fim de utilizar para o melhor rendimento dos trabalhos, o período de actividade em pista e as férias que se lhe seguem.

O nosso camarada dr. Salazar Carreira escolheu para seu assistente na missão que vai desempenhar o conhecido atleta Fernando Ferreira, o qual aceitou o convite.

Como previamos há quinze dias, foi já estabelecido o programa da participação do atletismo na festa de inauguração do Estádio Nacional. A F. P. A. delegou também na pessoa do dr. Salazar Carreira o encargo de cuidar do assunto junto da comissão organizadora e este nosso camarada indicou as corridas de 100 e 800 metros e a estafeta de 4x100 metros, provas que foram sancionadas superiormente.

Nestas corridas alinharão os representantes mais categorizados dos principais clubes praticantes de Lisboa, Porto e Coimbra, para os quais já foram enviados convites directos, permitindo-lhes que cuidem em especial da sua preparação para esse memorável dia.

Em suma: é caso para apresentar felicitações aos atletas portugueses — duplos parabens, até, porque além de se encontrarem associados à mais grandiosa jornada do desporto nacional, vêm também assegurado o apoio que necessitavam para o consciente aproveitamento futuro dos seus esforços!

LUTA GRECO-ROMANA

O BENFICA

vai dedicar-se também à prática desta modalidade

ENQUANTO se espera que sejam aprovados os estatutos da nova Associação de Luta de Lisboa — mais uma época se passa sem campeonatos, embora saibamos que os dirigentes em actividade do organismo que cessa, a Federação, têm tudo preparado para distribuir logo que esteja constituída a entidade regional, os prémios em atraso e entrar em nova actividade.

Para competições, é já tarde. Só em Outubro é que se poderá pensar nisso a sério. Uma coisa, porém, é certa: os clubes continuam a trabalhar — o Ateneu à frente de todos, depois o Lisboa Gimnásio, seguido do Gimnásio Clube, Intendente e Desportivo dos Tabacos.

Surge agora uma surpresa, que podemos classificar de sensacional e que deve satisfazer a todos os amigos da luta: o Benfica vai alargar também a sua esfera de acção a esta modalidade e à dos pesos e alteres.

A extraordinária expansão da popular colectividade está adjuvante poderoso para estimular a greco-romana. Virão, sem dúvida, mais umas centenas de adeptos, de simpatizantes — e naturalmente de praticantes.

A nova secção do Benfica será dirigida por José Madeira Tavares — antigo e valoroso lutador, que envergou a camisola do Gimnásio Clube e foi várias vezes campeão dos melos pesados, — e será acompanhado por Germano Sales e Pereira de Sousa, dois dedicados entusiastas pela bela modalidade.

Para instrutor foi convidado Ernesto Sales. Está tudo dito. O magnifico atleta marcou o seu lugar como praticante de pesos e alteres e de greco-romana. Afastado das competições, — que aliás não existem... — há ano e meio que voltou a trabalhar com assiduidade. Pensava em reaprecer, para tentar uns «máxims» no levantamento de pesos, mas um acidente num pulso levou-o a adiar as projectadas tentativas.

Surgindo agora como instrutor do S. L. Benfica, Sales terá ensino — e matéria prima — para transmitir os seus vastos conhecimentos, conseguindo seguramente bons resultados.

Talvez não erremos muito asserverando que, no dia em que voltarmos a ver provas oficiais, os lutadores do Benfica já possam falar de alto...

Saída-se, pois, o Benfica como futuro pioneiro da luta greco-romana, que bem precisa de novas energias.

E se os outros, dos chamados grandes clubes, lhe seguissem o exemplo? O Sporting, suponhamos... — L. M.

NOTAS & COMENTÁRIOS

NÃO afrouxa o esforço de propaganda em prol da vela e da navegação desportiva. Depois das provas em que tem andado empenhada a actividade da «Mocidade Portuguesa» e da «Brigada Naval», cabe à Associação Naval de Lisboa, padrão glorioso do desporto lusitano, organizar a maior regata oceânica do ano — para disputa do «Trofeu Salazar».

A partida para a prova será dada em Belém. As embarcações terão de rondar, em qualquer sentido, a Berlenga e Estelas. O termo da corrida será a ampla baía de Cascais, com a meta em frente dos Estoril.

O Sport Algés e Dafundo começou a disputar o torneio interno de «water-polo», nas categorias do costume, entre infantis e entre grupos com inscrição livre. O antigo clube não descarta a preparação dos seus sócios quanto aos desportos em que firmou melhores tradições.

Pelo que se está fazendo no Algés e no Estoril, e pelo que se pensa fazer pelo menos no Alhandra, é de esperar que dê resultado nesta época o estímulo que a «Stadium» dispensou, no ano findo, à propaganda do «water-polo». É preciso que esta modalidade ressurgir em toda a sua beleza!

ALGUNS dos últimos jogos de futebol serviram para pôr novamente em foco a questão de táticas e da sua eficiência. Questões de tática — ou da sua falta... Que convirá mais a uma equipa — procurar a vitória à força, inutilizando porventura os adversários mais perigosos? Procurar a com inteligência e oportunidade? Ou procurar apenas valorizar, com a melhor cooperação, uma prova que tem de ser ganha por qualquer pessoa ou colectividade?

O que convém sobretudo é encarar as partidas de desporto com o necessário espirito desportivo — ganhando com lealdade.

NATAÇÃO NO C. I. F.

Todos os socios do C. I. F. que queiram dedicar-se à prática da natação devem efectuar a sua inscrição na sede do clube, rua Pereira e Sousa 7, ou pelo telefone 63150.

ABORDAMOS, num dos últimos números da «Stadium», o problema das instalações sonoras dos campos de desporto, quanto à sua utilidade perante o publico. Dissemos, então, que, relativamente aos desafios de futebol, se poderia indicar, ao publico, e à imprensa de certo modo, a constituição das equipas.

Quando os festivais são de outros desportos, a aparelhagem sonora poderia ser aproveitada para os «pontos mortos» da organização (ou sejam os períodos de intervalos entre duas provas), para elucidação do publico acerca das provas que se seguem e dos corredores e clubes que a disputam. Uma das coisas que mais indispe o publico é não ver nada em campo — ou não saber o que se passa. Estes intervalos podiam até ser preenchidos com boa propaganda para a respectiva modalidade.

O Lisboa Gimnásio Clube, com um quarto de século de notáveis esforços em prol da educação física, teve a amabilidade de aprovar, na sua última assembleia geral, por aclamação, um voto de louvor e agradecimento à nossa revista. Não tem nada que agradecer. Desejamos que nos forneça sempre pretexto para falar bem da sua acção. Até agora não tem faltado ensino para isso. E esperamos que assim continue trabalhando no futuro. Aqui fica o nosso reconhecimento pela gentileza.

FALAMOS há semanas da actividade que o Clube Desportivo Lisgás tem desenvolvido no pugilismo. Foi um acto de justiça — e de estímulo. O Lisgás teve, no entanto, a amabilidade de agradecer a nossa referência, que foi absolutamente desinteressada. Registamos com prazer a deferência havida para conosco. E aproveitamos a oportunidade para renovar a afirmação de que pode contar sempre com o nosso desejo de auxiliar todas as colectividades — a bem do desporto.

NO número de 3 de Maio da «Stadium», publicámos uma referência ampla sobre a exposição da «Asociação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz. Dissemos que essa exposição fazia recordar algumas das suas glórias—individuais ou colectivas. Recordámos a representação da Naval nas primeiras provas de natação—por António Monteiro e Ernesto Ribeiro da Silva. Ainda é vivo Ribeiro da Silva, o nadador que deu à Naval o seu primeiro grande triunfo numa prova nacional. Tem, presentemente, 68 anos de idade e reside em Moscavide, aqui perto de Lisboa. António da Silva M. nteiro faleceu há anos.

O antigo valoroso atleta ficou tocado na sua sensibilidade pela justa referência que fizemos à proeza de 1909. Melhor do que a nossa prosa é sem dúvida a carta que nos remeteu. Dessa carta, recortamos gostosamente os seguintes períodos:

«Confesso que fiquei deveras satisfeito com tal notícia, não por vaidade, que é coisa que não conheci nunca, mas por ter notado que, apesar da minha avançada idade, e depois de 35 anos decorridos sobre as minhas tardes gloriosas, ainda o meu modesto nome foi lembrado nas colunas da «Stadium».

A notícia fêz-me recordar o passado, as épocas em que, com os meus próprios sacrifícios, me deslocava para representar não só a minha terra, mas também a minha velha e gloriosa Associação Naval.

A notícia fêz ainda lembrar os nomes de alguns meus velhos amigos, daqueles amigos que nunca me abandonavam e que apareciam sempre a incitar-me, nas horas precisas, e ainda da célebre recepção que me dispensaram quando eu cheguei à Figueira, depois de vencer em Lisboa a «Travessia do Tejo» de 1909.

Por julgar que muitos dos velhos amigos me supõem já no outro mundo, desejo, por intermédio da «Stadium», saudá-los, e participar-lhes que sou ainda vivo e que continuo a ser o mesmo dedicado navalista.»

A Velha Guarda e o seu amor pelo desporto

Ernesto Ribeiro da Silva vencedor de uma Travessia do Tejo

Aqui fica pôsto em letra redonda o desejo do antigo campeão. E porque voltamos a falar d'êle, julgamos interessante e oportuno juntar algumas notas a respeito das suas recordações da prova difícil que era então a «Travessia do Tejo», proeza que bastava para marcar a valia de um nadador.

Em 1909, estava Ernesto Ribeiro da Silva de passagem por Lisboa. Soube, pelos jornais, que ia disputar-se a «Travessia do Tejo». Escreveu à Associação Naval, pedindo autori-

zação para a representar. Dias depois tinha a resposta, de concordância com a sua inscrição. As despesas de inscrição e representação correram por sua conta, porque era amador puro. Fêz tudo com satisfação. Em Lisboa encontravam-se alguns amigos da Naval e de Ernesto Ribeiro da Silva. Entre estes, a memória de Ernesto Silva destaca os nomes de António Dias, José Artur e Manuel do Cais. O nadador ficou rodeado de boas amizades. E não mais o largaram...

Eram 22 concorrentes ao todo. O grupo reünia os melhores nadadores daquele tempo. De principio, não estava Ernesto Ribeiro da Silva à vontade. Os adversários tinham grande valor — e êle corria pela primeira vez em Lisboa... Entre os concorrentes encontravam-se Carlos Sobral e um rapaz da Trafaria (Frederico Soares). O valoroso nadador figueirense conseguiu vencer a corrida; o tal rapaz (Frederico Soares) ficou em segundo; e Carlos Sobral classificou-se em terceiro.

Oito dias depois, foi o nadador chamado ao «Real Ginásio» e ali lhe entregaram o «Escudo» (Continua na pág. 00)



Ribeiro da Silva em 1909 e em 1944;

HOMENS DE AMANHÃ

À «Mocidade Portuguesa» está reservado um importante papel na inauguração do Estádio Nacional

QUANDO, no primeiro número desta nova série de Stadium, prestámos à «Mocidade Portuguesa» a homenagem que francamente merece, na tarefa intensiva e prestante desenvolvida há oito anos, pelo revigoramento físico da juventude portuguesa, fechámos o nosso artigo, que inaugurava nestas colunas a respectiva secção, com as seguintes palavras: «... e nesse dia, por que todos nós anciamos, em que se lhe abrirem as portas do Estádio Nacional, a «Mocidade Portuguesa» verá tudo quanto necessita para continuar, tal como até hoje, em progresso sempre crescente».

Pois esse dia, dia grande para o desporto português, chegou. O Estádio Nacional, verdadeiro monumento, só possível como consequência da acção de um Homem de génio — vai ser inaugurado.

Aos filiados da «Mocidade Portuguesa» está reservado papel preponderante na respectiva cerimonia. Uma grande exhibição ginnástica, executada por alguns milhares de filiados, deve, realmente, ser um espectáculo brilhantissimo. Duas razões, pelo menos, nos levam a falar assim: as anteriores exhibições da «M. P.» a que temos assistido — e muitas têm sido — e a pessoa que superiormente está orientando os respectivos trabalhos: o cap. Celestino Marques Pereira, mestre dos mais distintos, que conta um êxito em cada iniciativa.

A preparação dos rapazes para essa grande exhibição de conjunto tem merecido, como é natural, os maiores cuidados por parte dos dirigentes da «M. P.». Têm-se, por isso, efectuado várias reuniões preparatórias, dirigidas pelo capitão Marques Pereira, coadjuvado pelo capitão Pires Monteiro e tenente Alberto Marques Pereira. Nos dias 3 e 9, os ensaios devem já ser efectuados no próprio Estádio.

A maneira como essas reuniões preparatórias têm decorrido fazem crer, logicamente, que a «Mocidade Portuguesa» registre, no dia da inauguração do Estádio Nacional, a ela especialmente dedicado, mais uma eloquente demonstração da forma proficua como desenvolve a sua acção — como cuida do robustecimento físico dos homens de amanhã.

Registamos o facto, desde já, com prazer. E curiosamente aguardamos o dia 10, para que nos seja dado observar o espectáculo imponente de milhares de filiados trabalhando como um só... — A. T.

A preparação dos pugilistas

Crónica de Rafael Barradas

EM artigos precedentes (ver Stadium n.º 71 e 75) mencionámos os principais utensílios de que o pugilista se serve para treino. Embora sucintamente, descreveram-se o saco de areia, a bola de suspensão, as massas indianas, os elásticos de parede, a corda de saltar e a bola medicinal; hoje vamos referir-nos a outro género de treino: o combate com a sombra, ou *Shadow-boxing*, e o trabalho de estrada, ou *roadwork*.

Tanto os pugilistas ingleses como os americanos, a quem o jogo do sóco deve o seu aperfeiçoamento e invenção, atribuem importância capital aos dois géneros de exercícios.

O combate com a sombra não convém executar-se sem possuir já o domínio cabal da ciência do «boxe», pois de contrário tem menor influência na preparação do que seria de prever. No entanto, é sempre da maior utilidade, mesmo no caso de principiante estar algures...

Na sua ausência fundamental, o combate com a sombra consiste em simulá-lo um pugilista com a projecção sombreada do próprio individuo. O método mais proficiente é o do espelho auxiliar. Uma superfície polida e plana, capaz de reflectir a luz, reproduzindo as imagens das pessoas colocadas na sua frente, está naturalmente indicada.

Antes de principiar o treino combate imaginário contra a própria figura reflectida, o pugilista deva organizar mentalmente, mas sem pormenor, o plano desse combate. Em frente da sua silhueta decarregará toda a gama de golpes, esquivas, fintas e atitudes possíveis no ring, ao mesmo tempo que anota, pela observação directa, os defeitos verificados: as aberturas perigosas, as linhas de penetração, as trajetórias dos golpes, etc.

Como o espelho reproduz simetricamente todos os gestos, obtém-se a ilusão completa de um combate contra um antagonista real.

Podem parecer, à primeira vista, que semelhante género de treino seja illusório e pouco eficiente.

Dizem as pessoas entendidas que, muito pelo

contrário, é de resultados seguros e notáveis.

A duração normal do *Shadow-boxing* é de dois a três assaltos, de dois minutos, ou de um a dois, de três minutos.

Quanto ao trabalho exterior, ao ar livre, é costume chamar-se lhe «de estrada», designação que vem de longe. O exercício basilár é a marcha pelo campo, respirando ar puro, entre-madeira aqui e além com exercícios naturais: remo, natação, rchar lenha, cavar e outros, dos quais destacaremos o «salto do eixo».

A marcha por estrada pratica-se com vestes ligeiras, no tempo quente, ou agasalhantes, na época fria. Em geral, aconselham os treinadores americanos que se percorram tantas vezes cem metros quantos os assaltos a disputar, isto para início de preparação, terminando, mais tarde, com a distância dupla, ou tripla.

Os antigos pugilistas eram marchadores incorrigíveis e Jim Corbett, por exemplo, palmava duas a três léguas antes do almoço. Julgamos que acima de cinco quilómetros não vale a pena insistir, mais certo é que o do-seamento é variável com o individuo e seus hábitos e temperamento.

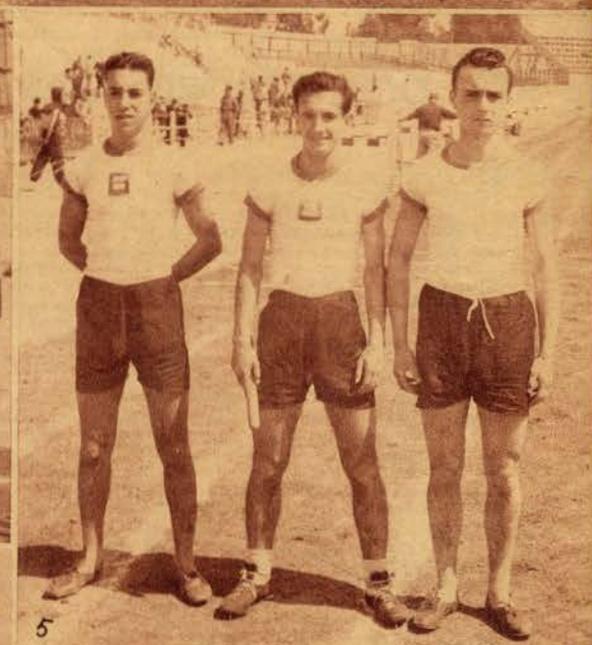
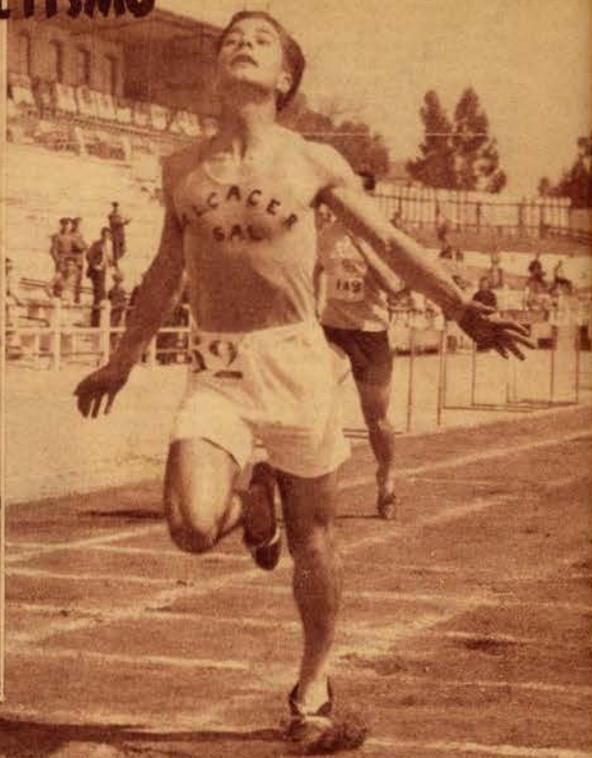
A marcha deve fazer-se em terreno plano ou pouco acidentado e interrompida frequentes vezes para executar o salto do eixo, esplêndido exercício que distrai e robustece, rchar um toro de lenha, correr em velocidade até 50 metros, nadar ou remar, sendo possível.

Três vezes por semana bastam para, ao fim e ao cabo de um mês, o jogador se encontrar em boa forma.

Terminámos, assim, a enumeração dos mais importantes meios de trabalho preparatório. A instrução do aluno-pugilista, amador que pretende iniciar-se no segredo do «boxe», pode decidir-se em 4 épocas, conforme declaramos no primeiro destes artigos.

Por agora, uma vez descritos os meios ortodoxos e habituais de que se utilizam os jogadores, nada há que acrescentar Noutra ocasião, breve, prosseguiremos neste estudo, convencidos da sua utilidade e publicação oportuna.

CAMPEONATOS NACIONAIS DE ATLETISMO da M.P.



Alguns aspectos da jornada de domingo: 1 — João Serodio, do L. P. Nunes, vencedor dos saltos em altura (série A); 2 — M. Nuncio, da divisão do Baixo Alentejo, ganha os 150 metros (série B); 3 — M. Colaço, da E. M. Pombal, campeão dos 150 metros (série A); 4 — Santos André, do C. Militar, vence nos 83 metros barreiras (série A); 5 — A equipa da E. M. Pombal, que conquistou 3x300 metros; 6 — A equipa do C. Militar, vencedora dos 3x60 metros; 7 — Outra equipa do mesmo Colégio — esta que triunfou nos 5x80 metros.

(fotos Nunes de Almeida)

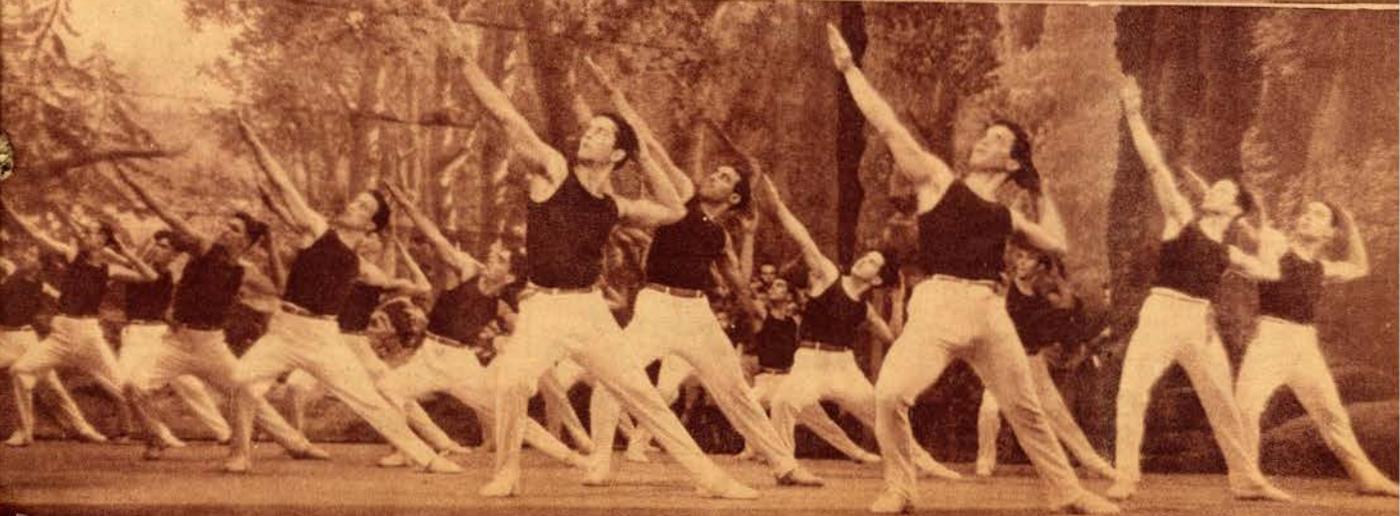




O SARAU no COLISEU
PARA ENCERRAMENTO
da Campanha Nacional
de EDUCAÇÃO FÍSICA
da "MOÇIDADE"
★



Alguns aspectos da interessante jesta:
1— O sr. Ministro da Educação Nacional fala à «Moçidade». No segundo plano vêem-se o sr. prof. dr. Marcelo Caetano, Comissário Nacional da «M. P.», e o capitão Marques Pereira. 2— Aspecto de uma das exhibições. 3— O orfeão das escolas das C. R. G. E., que alcançou justificado êxito. 4— O Centro Especializado de Esgrima de Lisboa no «murs» de florete, impecavelmente apresentada. 5— A classe de ginástica apresentada pelo capitão Marques Pereira (fotos Nunes de Almeida)



VENCEU O MELHOR GRUPO

As circunstâncias favoreceram a vitória do Benfica, mas não desculparam a derrota tão pesada do Estoril

por TAVARES DA SILVA

A final da Taça de Portugal teve ambiente, mais pelas circunstâncias que a rodearam do que propriamente pelo valor do jogo. Mas uma final é sempre um grande desafio — mesmo quando se transforma em mau jogo.

O fenómeno não se pode dizer exclusivamente português. Em toda a parte acontece o mesmo. Em Espanha, por exemplo, na final da «Copa», atinge-se o paroxismo, chegando a haver a sen-ção de que todos os espanhóis vivem aquêl momento e para aquêl momento. Em todo o caso, não há dúvida que a final Benfica-Estoril se transformava num acontecimento da maior espectacularidade devido a várias causas, entre as quais a boa carreira do Estoril e o desejo de singrar, que se nota nesta já hoje importante colectividade.

As Salésias encheram-se. Já lá vai o tempo em que só dois ou três clubes atrala grandes multidões! Que se convencionou do contrário os que não estão ainda convencidos. A expansão do jogo é um facto.

Antes de mais nada, importa dar a imagem da partida. Três pinceladas chegam. Os grupos mostram claramente o seu estado de espírito: enquanto que serenidade, num lado (Benfica), nervos e vontade de buscar fortuna, no outro (Estoril).

Daqui resultaram dez minutos de começo, se tanto, de jogo equilibrado, com bola rolando nos dois territórios ninguém calculando o que se iria passar daí a pouco...

O Estoril dava a sensação nítida de *team* que não se encontrava inferiorizado, antes do grupo resolvido a partir por o assalto, aceitando os acontecimentos a peito descoberto. A sua linha dianteira, cumprindo a função própria, mostrava-se suficientemente eficiente para causar apreensões à defesa contrária.

Todavia, mesmo neste período, o grupo do Benfica aparentou uma construção mais sólida e mais perfeita movimentação — numa palavra, aparecia aos olhos dos entendedores como grupo muito mais seguro. Não é indiferente o hábito da competição, aquilo que costumamos designar por calo da luta. Verdade seja que, por estas razões, o Benfica nos parecia um grupo capaz de resistir à tempestade (se esta se desencadeasse, evidentemente) pelos seus fortes fundamentos, em contraste com o Estoril, que se nos afigurava *team* incapaz de resistência à desgraça.

Isto pensávamos — garantimos — vendo o desenrolar do jogo quando, num momento, a tempestade se desencadeou sobre o Estoril, por influência da chamada *lei das lesões*. Um salto infeliz e arriscado de um dos seus defesas (Eloi) deixou-o inutilizado por um mal terrível, verdadeiro flagelo dos jogadores, o entorse.

O Estoril modificou logo, um pouco, a sua estrutura, ficando na frente três unidades, e as outras muito atrás, com temõr dos acontecimentos e do que se iria passar. O grupo desmoronou-se num ápice, como que por efeito de varinha mágica. Os jogadores deixaram de estar no local em que deveriam, não articulando os seus esforços.

O Benfica compreendeu perfeitamente haver chegado o momento psicológico a aproveitar, e a explorar, sentindo que o adversário não era capaz de resistir à *lei das lesões*, que tanto pode dar como tirar vitórias, é certo, mas para a qual ainda há soluções, quando os *teams* o são de alto e baixo, e os seus elementos sabem do ofício, conhecendo o que lhes cumpre fazer em campo e em todas as emergências.

Ora, um grupo como o Benfica nunca deixaria escapar uma tão excelente oportunidade. Estava mesmo a ver-se. Então, sem pressas, consciente do seu mérito e possibilidades, o Benfica construiu o seu sistema com tal força e inteligência que o território inimigo foi conquistado e inteiramente ocupado para o que desce e viesse. Quando, à meia hora, uma nova

lesão no bando do Estoril veio completar a obra de destruição, o Benfica já tinha inscrito na taboleta um número (3) que o colocava no abrigo de todas as surpresas, possíveis e imagináveis. Quasi no fim do primeiro tempo foi a vez do Benfica ser submetido à pressão da *lei das lesões*. Mas nada havia, nessa altura, capaz de transformar a vitória em derrota.

Tudo quanto depois se passou não tem história.

O desafio perdeu toda a sua beleza. O domínio benfiquense era de tal modo que dava vontade de gritar: *basta! basta!* Mas não. A máquina continuava na sua laboração perfeita, com passes e mais passes, corridas e esguelamentos, resistindo, até, a todas as tentativas de *sabotage*. Deixámos, do período que ficou assinalado em diante de ver um desafio de competição para assistir a um treino medíocre, pela diferença de valores e pelo diferente estado de espírito que acalentava os dois contendores. Assim não há possibilidade de haver interesse ou curiosidade pelo que se passa. Só resistindo à imagem daqueles que, implacavelmente, gritavam minuto a minuto: *mais um! mais um goal!*

Num campo de pequenas dimensões, a influência do *jogo de marcação ou posição*, uma idêia contendo a outra, encontra-se muito atenuada. O mesmo não acontece quando o terreno se aproxima, em medida do máximo do regulamento. Em rectângulo estreito, os jogadores, mesmo mal colocados têm sempre tempo de chegar ao sítio onde deveriam estar. *Basta voltarem-se* ou darem uma passada rápida. Mas no campo largo, o caso muda de figura. A falta de vigilância do adversário, é e nisso que fundamentalmente consiste o *referido jogo*, tão discutido e tão incompreendido sobretudo por aqueles que vivem ainda hoje agarrados ao sistema de *meia bola e força e seja o que Deus quiser!*, implica conceder ao inimigo possibilidades que, quando aproveitadas, se transformam inflexivelmente em triunfo para um e derrota para outro. Neste importante capítulo, que distância entre o Benfica e o Estoril! Bem

sabemos que uma linha média como a do Benfica não se arranja todos os dias — mas isso não tira ao caso.

E, já que falámos na linha-médula do vencedor, não queremos deixar de destacar, imediatamente, uma figura. Esse esforçado Albino, que jogou no seu estilo, como médio-centro que não tem nada a aprender seja com quem for. Porque — vêde bem — não nos impressionou o pormenor da energia e vitalidade, porque esse vive tão agarrado ao conhecido jogador que já não nos surpreende. Mas sim todos os aspectos de técnica revelados pelo médio-centro, não só na sua posição no terreno, como na recolha da bola, no dar da *passagem*, no regular do ritmo do encontro, forçando sempre a nota de ataque ou arrastando a bola até diante, quando em clareira, ou dando o passe rápido e preciso. Há jogadores que mereciam uma estátua no campo.

Não significa o que acabamos de afirmar que o Estoril-Praia não nos tivesse dado alguns apontamentos a ter em conta. O contrário seria espantoso.

O *team* chegou a dar-nos a sensação de *bem trabalhado*, fisicamente. Isto é, em plena fase máxima de fôlego. Pelo tempo adiante se viu que não era assim. Alguns homens acusavam nitidamente cansaço, não se dando ao jogo nem às jogadas devidamente. Queremos também assinalar que, ao pôrmos este reparo, objectivamente, bem sabemos que êle não resulta de uma falta de preparação cuidada ou orientada no bom sentido, mas da própria actividade do clube, até aqui afastado das grandes causas futebolísticas.

Uma das figuras que passou despercebida no campo, e insistimos neste ponto pelo convencimento que temos de que se trata de um valor positivo, foi a do médio António Nunes; visivelmente extenuado, quasi nem teve forças para lançar os seus hábeis e compridos golpes às pontas. Já Alberto, um dos defesas, deixou boa impressão, a médio e a defesa.

Também merece destaque o valor da linha da frente do Estoril, não por aquilo, evidentemente, que fez nas Salésias, mas por aquilo que se sente que será capaz de fazer, noutro dia, que talvez não tardará. Petrak é uma ameaça constante de remate. Bravo, um jogador de classe e um dos *extremos* muito desembracados.

Benfica: Martins; César e Carvalho; João Silva, Atílio e F. Ferreira; Espírito Santo, Arsenio, Júlio, Teixeira e Rogério.

Estoril: Valongo; Pereira e Eloi; Júlio Costa, Nunes e Alberto; Canal, Bravo, Petrak, Sbarra e Raúl Silva.

Árbitro: Carlos Canuto.

A análise ao *team* vencido não merece referências detalhadas aos jogadores. Quando um *team* se afunde leva atrás de si as suas partes componentes. Valongo procurou ainda resistir, mas êle próprio acabou por se entregar.

No Benfica, Martins fez um jogo de repouso. Já César não jogou como nos seus últimos desafios, embora de uma diligência a toda a prova, exactamente como o seu companheiro Carvalho. De Albino já se disse tudo. João Silva merece uma palavra para o seu espírito de sacrifício. Ferreira tornou completamente a faixa de terreno à sua guarda, atacando ainda como um tigre.

A grande figura do ataque foi Rogério que executou, porventura, a sua melhor exibição, perfeita no domínio de bola, com desenhos bordados no terreno, e no capítulo do remate. Não se pode bater melhor a bola com os pés, e com mais simplicidade. Certo favorecido pelas circunstâncias. Mesmo assim notável. Espírito Santo e Arsenio constituíram uma *asa*, incluindo nesta expressão o necessário sentido de colaboração. Júlio e Teixeira apenas com nota de suficiente.

Metendo-nos mesmo dentro do critério de Carlos Canuto, e nós também somos partidários do jogo de força ou atlético, devemos dizer que isso nada tem que ver com a aplicação das regras. A lei fez-se para se aplicar, com justiça e ponderação, é certo mas para se aplicar. Não há critérios que possam banir o *penalty*. As arbitragens como a que fez o *referee da final* são perigosas para o futebol. O consentimento da jogada imprópria e brutal é, por sua vez, uma infracção do árbitro. E ficamos por aqui.

HERÓICO
O CHAPEU
INCONFUNDIVEL
Rua do Carmo 93-95 LISBOA

EXTRAORDINÁRIA INICIATIVA DA
 «STADIUM»
LEITORES:
ATENÇÃO!!

O testemunho insuspeito dos nossos estimados leitores mostra que as reportagens gráficas da nossa Revista — a única publicação ilustrada do género existente no nosso País — têm sido deveras apreciadas. Pois «STADIUM» vai lançar

OUTRA SÉRIE DE GRANDES REPORTAGENS GRÁFICAS

durante o período de defeso do futebol, para levar mais além o seu desejo de bem servir! «STADIUM» tomou uma iniciativa que vai agradar plenamente aos seus leitores, não só pelo que representa em relação aos milhares de entusiastas pelos clubes de futebol, em todo o País, como por se tratar do mais vasto empreendimento no género até hoje pôsto em prática

Vamos publicar durante o citado período de defeso, em números sucessivos

SEM AUMENTO DE PREÇO

uma série de ARTIGOS DE HOMENAGEM AOS CLUBES que concorreram ao CAMPEONATO NACIONAL e «TAÇA DE PORTUGAL»

durante a época encerrada no domingo. Estes artigos serão acompanhados de

uma **GRAVURA A CORES** formato grande

representando a correspondente equipa de honra de futebol. Constituirão breves reportagens, encerrando um resumo da história de cada clube e algumas entrevistas com figuras de relevo na sua massa associativa, sendo ainda ilustrados com fotografias que foquem acontecimentos de realce na respectiva actividade. Tudo isto representa a mais desenvolvida PUBLICAÇÃO DESTA ESPÉCIE EFECTUADA ATÉ AGORA EM PORTUGAL e constituirá uma colecção interessantíssima dos principais grupos nacionais, que todos os nossos leitores vão arquivar com interesse, pois «STADIUM» oferecer-lhes-á ainda

uma capa para encadernar

esta curiosa documentação de 16 estampas e as páginas que as acompanham. Por tudo isto não hesitamos em afirmar que a nossa iniciativa era a mais retumbante no género!

E por tudo isto não terão os nossos leitores maior dispêndio: basta que comprem a «STADIUM»! A nossa revista oferece-lhes, AO PREÇO NORMAL, qualquer coisa de excelente nos difíceis tempos que vão correndo...

Acceptem-se assinaturas especiais para esta série de 16 números. Basta enviar à Administração da «Stadium» a importância de 24\$00, para garantir a aquisição deste formidável documentário — com a sua capa feita expressamente. Aos inúmeros agentes do continente, ilhas e África pedimos que nos indiquem, com a possível antecipação, as quantidades que desejam receber.

INSCREVAM-SE PARA ESTE DOCUMENTÁRIO ÚNICO

MERECIDAS VITÓRIAS DE
Lourenço, Dias Santos
 e Campos Avelar
 nos campeonatos regionais de velocidade

JOÃO Lourenço, que há quinze dias não conquistara o título de campeão nacional de fundo por se deixar bater, numa embalagem, por um corredor que normalmente é menos rápido do que ele, ganhou no domingo o campeonato regional de velocidade, vencendo Eduardo Lopes, que é afinal o seu mais perigoso adversário.

Absolutamente certo e lógico o desfecho dessas duas lutas. Se Lourenço não se tem mostrado, nestas duas últimas épocas, um estradista suficientemente apetrechado para defender com galhardia o título de campeão de fundo, domingo provou, todavia, ser, pelo menos de momento, digamo-lo sem rodeios e com a consciência tranquila de termos sempre elogiado ou censurado com justiça, o melhor corredor português de velocidade.

A sua última vitória sobre Lopes, na «não» de desempate, obtida mercê de uma embalagem em passo de rolador, só para «saltar» o iluminante antes do «relevé» norte, depois de partir atrazado no principio de recta oposta; o arranque brusco, na segunda «mão» que impossibilitou Lopes de remontar, pois conquistou logo um precioso comprimento de máquina; a maneira voluntariosa como reagiu ao ataque de Rebelo, que pretendia fatigá-lo com um «passo» rijo, quando se encontrou com ele na respectiva «série»; e ainda o á-vontade com que bateu José Ferreira, aguerrido e «duro» — tudo isso justifica e demonstra que o título está muito bem entregue.

Eduardo Lopes foi um excelente vencedor.

A maneira inteligente como bateu o «leão» na primeira mão — sem o deixar adiantar, antes da embalagem, em palm» sequer, para o surpreender no arranque e colocar-se à sua frente na saída do último «relevé», e também a forma como se conduziu na «série» com Ferreira, retardando-lhe a embalagem para que o sangalhasse não se lançasse antes dos 300 metros e batê-lo, depois, mercê do seu «sprint» seco e rápido, e ainda o «retorno» conseguido no desempate, que lhe permitiu chegar à meta ombro a ombro com Lourenço, depois de ter perdido mais de um comprimento de máquina, — toda essa demonstração de classe e saber constitui prova eloquente de que Lopes saiu vencido mas não demitido.

Como demitidos não saíram José Ferreira, Rebelo e Noé, batidos por dois homens de classe incontestavelmente superior. Apenas Mourão — esse moço com habilidade mas desconhecendo ainda que para se ser atleta há que renunciar a certas rapaziadas, só esse nos desiludiu, a nós e aos que dele querem fazer alguém...

Não teve o campeonato dos seniores, e isso é normal, o valor técnico do de independentes, embora, como neste, houvesse neces-

sidade de disputar três «mãos» para apurar o vencedor. Foi Dias Santos que conquistou o título e, apesar do sportinguista ser, atléticamente, de todos os concorrentes o mais bem apetrechado, deu, todavia, provas de não estar em forma apurada.

Foi batido por João Gomes e ia-o sendo por Marçal Loureiro, nas séries, mostrando dificuldade a «recolar». Ao seu invulgar poder de recuperação e combatividade deve o ter vencido nas duas últimas «mãos» o benfiquista Gomes, que se mostrou bastante rápido e a correr inteligentemente.

Animosa» provas fizeram Baptista Aliv» e Rocha, que na queda impossibilitou de ir às meias finais, e Ernâni Ribeiro, algo rápido, mas desconhecendo totalmente os meandros das provas de pista.

Campos Avelar, apurado numa «repsagem», tal como sucedeu a Brás Santos, ganhou o campeonato de júniores, repetindo a proeza de 1943.

O «combatente» — que a principio se deixou manobrar pela tática do benfiquista Flávio Rodrigues, o qual sendo mais rápido e usando menor andamento conseguiu vencer três vezes por ter arrancado só aos 250 metros em ataque» de surpresa — reagiu depois nas duas últimas «mão», a ponta de bater nitidamente o corredor encarnado.

Contraste a acentuar: à medida que os adversários iam demonstrando fadiga — e este caso sucedeu a Flávio Espalha, Mota Domingues, Carv»heir» e Correia — Avelar mostrava mais poder e maior rapidez. Eis porque na segunda «mão» da final e no desempate o «combatente» venceu à vontade.

Bonita corrida a efectuada pelo «encarnado» Correia — um novo com qualidades mas muito inexperiente — na sua série com Avelar, e a de Maximino Silva com o mesmo Correia.

Organização modelar da Associação de Ciclismo, Método e ordem na pista; pontualidade e disciplina nos corredores e desportivismo no público, a aplaudir vencedores e vencidos. Em resumo: ambiente de expectativa e interesse por futuras provas de pista e possibilidades de se proporcionarem bons espectáculos velocipedicos.

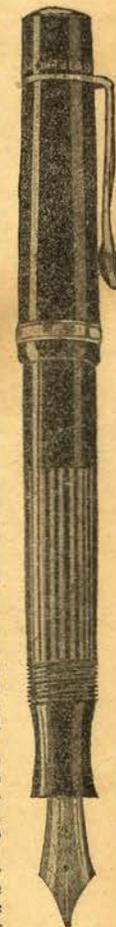
GIL MOREIRA

ANTÓNIO SALAZAR D'EÇA

No momento em que fechamos a paginação da «Stadium» somos surpreendidos pela notícia da morte, ocorrida em Lourenço Marques, do sr. António Salazar d'Eça tio do nosso querido amigo e colaborador dr. José de Salazar Carreira.

A família do extinto, e em especial àquele nosso companheiro de trabalho, expressamos o nosso sentido pesar.

MONT
BLANC



MONT
BLANC



A TAÇA de PORTUGAL
foi ganha mais uma vez
pelo
S.L. BENFICA
que batem expressivamente
o ESTORIL PRAIA no jogo final!



1
A fase da qual saiu o 3.º «goal» do Benfica, feito por Júlio, na conclusão de um «canto» marcado pelo extremo Rogério

2
Valongo acaba de mergulhar — mas não evita o 2.º tento, apontado também por Júlio

3
Na grande área estorilense, o esforçado Valongo vai segurar mais uma vez a bola, antecipando-se à entrada de Júlio

4
O «team» do Estoril Praia

5
A luta em todo o jogo foi assim — decidida, voluntariosa e cheia de beleza atlética!

6
Como Valongo sofreu outro dos tentos registados nas suas redes

7
Os vencedores da «Taça de Portugal»

8
Desta feita Valongo repeliu o esférico a sóco. O auxílio de Alberto não chegou a ser necessário
(fotos Nunes de Almeida)



A
«IMPÉRIO»
é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas.



COMPANHIA DE SEGUROS
IMPÉRIO
Rua Garrett, 56 — LISBOA

Seja previdente, adquirindo uma apólice da
«IMPÉRIO»
— a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital.

Campanha Nacional de Educação Física da «Mocidade Portuguesa»

O sarau de encerramento no Coliseu dos Recreios

A Campanha de Educação Física da «Mocidade Portuguesa» mantida durante dois meses em pertinazes esforços de propaganda, mais eficientes do que impressivos para a opinião pública, precisava de encontrar para fecho um acontecimento de retumbância, que traduzisse de maneira visual a obra realizada pela Organização, em anos consecutivos de trabalho mas raramente evidenciado de forma a poder ser apreciado pela imensa maioria de quantos viveram alheados da sua acção.

Foi, por este e por muitos outros motivos, particularmente oportuna e feliz a ideia de promover no Coliseu um sarau ginástico-desportivo, mostra pequena mas impressionante dos resultados e métodos em serviço nas actividades múltiplas de educação física dos filiados da «Mocidade Portuguesa». O público, que encheu em absoluto a imensa nave, viu, compreendeu e aplaudiu, significativamente.

Para os dirigentes do mais importante movimento da campanha de renovação portuguesa, a noite de quinta-feira valeu por uma consagração: a presença gratíssima do sr. general Carmona, alocução vibrante e conceituosa do sr. ministro da Educação Nacional, o entusiasmo convicto dos filiados e o encantamento exuberantemente manifestado pela assistência — são factores de alto significado, cuja indicação é bastante expressiva para dispensar largos comentários ou argumentação interpretativa.

A oração proferida na abertura do sarau pelo sr. dr. Mário de Figueiredo teve para todos os paladinos da causa desportiva, um sabor doce de confirmação; as suas palavras proclamando o valor da educação física e, entre os seus meios, das práticas desportivas — analisadas pelo alto espírito que as ditou — tiveram o significado de uma dignificação de relevante e inofismável valor.

O espírito, para expandir com o melhor proveito as suas faculdades, necessita de um corpo saudável; o valor social do indivíduo, mediado na escala severa da luta pela vida, aumenta pela influência da educação física sobre determinadas virtudes indispensáveis como a vontade, o optimismo, a confiança, e outras ainda, tais a solidariedade, a camaradagem, ou o sacrificio individual à causa comum, que se aprendem — com a lição do espírito desportivo — nas competições dos jogos de equipa. Esta é a síntese desluzida das brilhantes afirmações do sr. dr. Mário de Figueiredo.

Bom seria que todos os desportistas as aprendessem de cór, e lhes meditassem o conceito a queles que de creem, ainda, e combatem a propaganda do ensino metódico do desporto educativo. Força social ao serviço da Pátria, eis o seu verdadeiro destino.

No programa, elaborado pela Direcção dos Serviços de Educação Física para o sarau do Coliseu, há a distinguir duas partes, pondo em relêvo a circunstância de as encontrar associadas, porque este facto também mostra uma evolução sintomática. Houve, com efeito, a par das apresentações de classes e instruções da «Mocidade», a participação dos representantes dos institutos particulares especializados em ginástica.

Entendemos que o convite que lhes foi dirigido, traduzindo o propósito de reconhecer o largo contributo da iniciativa clubista — sobretudo nos largos anos que antecederam o interesse directo do Estado — na educação física da juventude, foi de inteira justiça; e consideramos ainda, que por intermédio dessa aproximação se indicou, tacitamente, aos rapazes da «Mocidade» que eles encontram na organização particular desportiva, um meio competente para proseguirem na sua cultura física, pelo caminho de que a «M. P.» lhes norteou o rumo.

Do conjunto de demonstrações apresentadas, devem salientar-se quatro números que entusiasmaram a assistência e excederam o nível médio do espectáculo: as classes de ginástica educativa para infantes e cadetes, do Centro Especial, dirigidas pelos professores

José Júlio Moreira e capitão Celestino Marques Pereira; o orfeão dos filiados da Escola dos Filhos dos Empregados da Companhia do Gaz; e os saltos, em mesa alemã, pela equipa do Lisboa Ginástico Clube.

Estes quatro elementos bastavam para garantir o êxito de qualquer sarau e, dentro dos seus respectivos aspectos, valeram triunfal acolhimento para os respectivos instrutores; mas não foram apenas eles os números merecedores de aplauso no programa, porque brilharam ainda as equipas do Lisboa Ginástico, trabalhando em barra fixa, e do Ginástico Clube, em paralelas e exercícios à mão livres; a classe de esgrima do Centro Especializado de Lisboa, a cargo do professor Campos Andrada; o característico orfeão do Alto Alemtejo nas suas canções regionais; e, em plano mais modesto, a classe especial do Porto e as exhibições de boxe e de jogo do pau, às quais faltou grandiosidade e dinamismo.

As apresentações de classes da «M. P.» para a Insignia Colectiva de Ginástica

Incluía o programa de demonstrações da Campanha Nacional de Educação Física da «Mocidade Portuguesa» o concurso de classes representativas das várias províncias e dos diversos escalões do Centro Especial de Lisboa, para a Insignia Colectiva de Ginástica, interessante organização que premeia, sem espírito de competição, o trabalho dos instrutores e a aplicação dos alunos.

Muitas foram as províncias que responde-

A VELHA GUARDA

(Continuação da pág. 3)

do Ginástico» e uma medalha de ouro, que Ernesto da Silva guarda ainda como a melhor recordação da seu tempo de atleta.

O campeão de 1909 foi a Figueira, com uma comissão que se formou em Lisboa, para levar o «E. C. U.». Dessa comissão faziam parte António Dias, José Artur e Manoel do Cais. A recepção foi um delírio... Ernesto Ribeiro da Silva seguiu em triunfo da estação do caminho de ferro, até à sede da Associação Naval. Houve música e entusiasmo. Dias depois ofereceram-lhe um jantar, num dos melhores hotéis da Figueira da Foz. David Viana, um dos bons amigos navalistas, ficou com má recordação da recepção — uma das mãos queimada ao deitar um fogueite...

Em 1910, tornou Ernesto Ribeiro da Silva a inscrever-se na «Travessia do Tejo». Foi menos feliz, nesse ano. Ficou apenas em segundo lugar. E não foi somente a perda de novo triunfo, mas também a impressão de abandono em que o nadador se viu, sem a colaboração entusiasta de outros amigos figueirense que se encontrassem em Lisboa e o acompanhassem, nos preparativos e na prova. E tudo isso faz falta a quem corre fora do meio em que reside. Confirmou, no entanto, o seu valor.

Ernesto Ribeiro da Silva disputou várias prov. na Figueira. Ganhou de uma vez a taça «António Monteiro». Correndo, noutra ocasião, contra os ingleses Wright e Tai, dos melhores nadadores que havia no Porto, classificou-se em terceiro lugar. Foi, pois, figura de relêvo no desporto do seu tempo.

Depois de abandonar a natação, passou a dedicar-se à caça, que cultivava ainda. Apesar de contar já 68 anos de idade, sente-se forte e bem disposto. A sua rijesa deve-se ao desporto. Há 25 anos que reside fora da Figueira. Mas esta ausência não fez diminuir a paixão pela sua terra e pelo Naval. E mantém a mesma amizade pelos bons amigos de outros tempos!

MÁRIO DE OLIVEIRA

ram ao apêlo, e assim foi possível promover, no acolhedor ginásio da Casa da Mocidade, duas sessões de luzido programa, das quais participaram classes de Coimbra (inst. José Esteves), Évora (inst. asp. Mário Faria), Faro (inst. João António Barros), Aveiro (prof. João António Infante), Santarém (inst. José Gonçalves Mariano), Barreiro (prof. José Júlio Moreira) e Porto (inst. Delio Tamegã), além das classes lisboetas de lusitos (prof. José Francisco Gascon), infantes (prof. Carlos Dieguez) e vanguardistas (inst. Moura e Sá).

Todas as classes se apresentaram com correção em esboços competentemente elaborados, e o júri assim reconheceu concedendo-lhes, sem discrepância, a ambicionada insignia, que, no fim l, foi distribuída aos instrutores e ginastas pelo sr. dr. Marcelo Caetano e pelos dirigentes da «M. P.» que o acompanhavam. Num certame deste género, do qual é eliminada a ideia de confronto, é sempre melindroso apontar preferências, mas também não se afigura justo englobar em plano de igualdade as exhibições que deixaram — dentro do critério de aprovação em mérito absoluto — impressão diversa de aproveitamento e harmonia.

Assim, afirmando embora que todas as classes foram boas, citaremos, como sendo as melhores, as do Barreiro, Aveiro e Santarém; o aprumo dos pequeninos alunos do professor Moreira impressionou fortemente o público, que ovacionou com razão as primorosas marchas de incedível garbo.

Tal como decorreram, estas sessões na Casa da Mocidade devem ser pródigas de ensinamentos para os dirigentes e instrutores; os primeiros, porque puderam observar os resultados da obra que, a seu impulso, se está desenvolvendo por todo o país; os segundos, porque colheram os frutos do seu trabalho e receberam elementos seguros de orientação metodológica com as notáveis exhibições das classes do Centro Especial, que, logicamente, fornecem a base doutrinária aplicável para cada escalão.

SALAZAR CARREIRA

RUGBY

O Atlético homenageou os seus jogadores campeões

A brilhante história alcançada pela equipa do Atlético Clube de Portugal no campeonato de Lisboa de rugby foi exaltada, na última semana, no banquete de homenagem aos jogadores, promovido pela direcção do Clube e ao qual acorreram inúmeros associados.

A festa, porque foi sobremaneira festivo o ambiente da reunião, foi presidida pelo sr. Jaime Franco, presidente da assembleia geral da colectividade, ocupando os outros lugares da mesa de honra, o presidente da direcção, sr. Paiva e Silva; o professor eng. Costa Sousa, representando o sr. director do I. S. Agronomia; o estudante Alvaro Dinis, da Associação dos Alunos do Instituto; os srs. Lança Moreira, de Rádio Clube Português e Alberto Freitas, de «Os Sports»; e o nosso camarada dr. Salazar Carreira, que representava a «Stadium».

Pelos representantes do Atlético foi enaltecida a proeza dos seus jogadores de rugby aos quais foram oferecidas medalhas comemorativas, rendendo-se unânime preito ao seu desportivismo e isenção e pondo em realce o facto exemplar de haver a equipa concluído o campeonato sem um único castigo sofrido pelos seus componentes.

A homenagem foi também associado o nome do dr. Américo Nunes, pela sua dedicada assistência como médico do clube, proclamando todos os oradores a mais entusiástica fé clubista e firme convicção nos progressos do destino do Atlético e, em especial, da sua secção de «rugby».

GLYCOL
O IDEAL DA PELE
Produtos V. A. P. (PORTUGAL)

O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade.
A venda nas boas Casas da Especialidade e principais farmácias — Depósitos gerais:
Ventura d'Almeida & Pena
R. do Guarda-Mór, 20, 3.º Esq. LISBOA
Enviamos amostras contra 350 em selos de c.

As vitórias da Sala Carlos Gonçalves e os campeonatos nacionais da «Mocidade»

Do Hockey, Fernando Pereira voltou a ser o mais útil para a equipa. João Cruz pareceu-nos dentro do seu habitual — até no encolher do braço ao iniciar os ataques... Silva e Bayard, sobretudo o segundo, improdutos.

O torneio, além da taça em posse definitiva para a equipa vencedora, tinha ainda seis prémios individuais, atribuídos como segue: 1.º, D. António de Almeida, 7-1, 8 toques recebidos; 2.º, Carlos Dias, 7-1, 10 toques recebidos; 3.º, Emílio Lino, 6-2; 4.º, Herbert Santos, 5-3, 14 toques recebidos; 5.º, João Cruz, 5-3, 17 21 toques; 6.º, Jorge Oom, 5-3, 17 20 toques. Os restantes ficaram por esta ordem; Fernando Pereira, 4-3 e 1 assalto nulo; Melo e Castro, 4-4; P. Silva, 2-6; Bayard e Nogueira, 1-7; e Vinha, 0-6 e 1 assalto nulo.

Na Taça «Lima Júnior»

Na passada semana a Sala de Armas Carlos Gonçalves conquistou nova e justa vitória, na disputa da taça «Lima Júnior», organizada anualmente pelo Ginásio Clube Português.

O torneio, jogado à espada por equipas de três atiradores de segundas e terceiras categorias, forneceu o seguinte resultado:

1.º — S. A. C. G. (E. Lino, Melo e Castro e H. Santos) 3 vitórias colectivas; 2.º — H. C. P., equipa A (F. Pereira, A. Henriques e M. Silva) 2-1; 3.º — G. C. P. (A. Neto, J. Nogueira e R. Worm — este, substituído por J. Rei no

último encontro), 1-2; 4.º — H. C. P., equipa B (R. Peres, A. B. yard e J. Pascoal), 0-3.

Esta classificação corresponde perfeitamente às possibilidades das equipas presentes — apesar de só se ter decidido, no último assalto, do derradeiro encontro, entre a S. A. C. G. e o H. C. P. — A., ambos sem derrotas até esse momento. Mas, não há dúvida que a formação vencedora era, mais uma vez, a que reúne melhores condições de homogeneidade, factor de real importância nestas competições de equipas.

O Hockey Clube mereceu bem a segunda posição, pois acompanhou muito de perto o grupo vencedor. Fêz resultados mais fracos nos outros encontros, mas, no decisivo, a que aludimos, chegou à vantagem de 4-2 — para perder por 5-4... Da mesma forma o Ginásio Clube ficou bem no 3.º lugar, visto que a formação B do Hockey se exibiu na realidade de forma a caber-lhe a última posição.

Individualmente não há referências a fazer. Seria repetir, de maneira geral, o que aqui se disse nas últimas semanas...

Basta simplesmente acrescentar, que Amaral Neto reapareceu pouco preparado, embora mais decidido na condução do combate, e que Raúl Peres nos surpreendeu pelo jogo exibido, produto da óptima intuição que o caracteriza, posto que não trabalhe há muito tempo.

Os campeonatos da «Mocidade»

A «Mocidade Portuguesa» fez disputar, também, os seus campeonatos nacionais de florête, espada e sabre. Concorreram atiradores das regiões do Douro Litoral, Estremadura, Alto Alentejo e Algarve.

Individualmente, Carlos Gouveia Franco conquistou os títulos máximos da «M. P.» em florête e espada. Jorge de Paiva e Pona ganhou, por sua vez, o de sabre. Por equipas, efectuaram-se as provas de florête e sabre, com vitórias da Estremadura (Paiva e Pona, Edmundo Franco, Carlos Franco e Carlos Cardoso) na primeira daquelas armas, por 11/5, e do Douro Litoral (Manuel Duarte, Alberto Giesteira, Jaime Maia e Artur Giesteira) na segunda, por 8/7.

Ns atiradores da Estremadura exerceram superioridade, como é natural. No entanto, dois elementos do Douro Litoral — os irmãos Alberto e Artur Giesteira — chamaram sobre si as atenções pela sua correcção, distinguindo-se particularmente o primeiro, que revelou intuição invulgar.

DE LUTO

Tenente-Coronel Manuel José do Sacramento Monteiro

Faleceu na passada semana o sr. tenente-coronel Manuel José do Sacramento Monteiro, distinto oficial da arma de cavalaria, com larga e brilhante folha de serviços prestados nas colónias.

O extinto, que tinha 83 anos, era pai do sr. tenente-coronel João do Sacramento Monteiro, ilustre director geral de Educação Física e Desportos, que acaba assim de sofrer mais um profundo desgosto.

À família enlutada, e em especial ao sr. Director Geral dos Desportos, apresentamos a sentida expressão do nosso pesar.

tar, no domingo, o seu campeonato de fundo, ao qual concorreram apenas oito corredores, e maioria do Benfica.

O jovem Manuel Gonçalves triunfou brilhantemente em 1 h. 46 m. e 46 s., batendo o veterano João Miguel por 11 minutos. Fora do comportamento do vencedor, que semana a semana confirma as nossas previsões — obre o seu valor, nada mais houve que merecesse referência.

SALAZAR CARREIRA

COMO referimos no nosso último número, o Hockey Clube de Portugal instituiu a taça «António Bayard», em justo reconhecimento da comprovada dedicação deste seu elemento pela activa sala de armas do clube.

A inscrição limitou-se a três equipas, representando a Sala de Armas Carlos Gonçalves, o Ginásio Clube Português e o próprio Hockey Clube. Não compreendemos, francamente, como encaram algumas salas de armas os seus deveres de camaradagem — e, sobretudo, como entendem o seu trabalho em relação à boa actividade e progresso da esgrima...

A Sala Carlos Gonçalves, representada por D. António de Almeida, Emílio Lino, Herbert Santos e D. José de Melo e Castro, conquistou o tr-fêu com relativa facilidade, batendo as duas equipas adversárias pelo mesmo «score»: 11 vitórias e 5 derrotas.

No primeiro encontro, com o Hockey, sofreu duas derrotas de entrada, mas adquiriu sucessivamente nove vitórias, ou seja tal superioridade que lhe garantiu o triunfo. No segundo chegou a registar o empate de 3-3 — para atingir também, em condições idênticas às do anterior match, a margem folgada que assinalámos.

Para disputar o 2.º lugar, o Ginásio Clube venceu o Hockey por 8-7 e um assalto nulo.

Dos vencedores, A. de Almeida foi o mais seguro. Emílio Lino e Herbert Santos acompanharam-no de perto, mas Melo e Castro não se exibiu ainda com regularidade.

No Ginásio, Carlos Dias agradou e mostrou-se mais produtivo. Jorge Oom, que começou da melhor forma, esteve um tanto precipitado no encontro com a Sala Carlos Gonçalves. Nogueira e Vinha inferiores — especialmente o segundo, Raúl Worm, que fez ainda um assalto, teve de ser substituído por Vinha, em virtude da distensão sofrida há pouco.

ATLETISMO

Os campeonatos nacionais da M. P.

AS provas dos campeonatos nacionais da Mocidade careceram de interesse, por motivos que adveem do próprio critério regulamentar e que não têm remédio nas condições actuais de expansão do atletismo.

Como os campeonatos comportam uma classificação colectiva e houve a preocupação de assegurar a igualdade de recursos a todas as provincias participantes, estabeleceu-se o limite de admissão, apenas, aos dois primeiros classificados em cada prova dos campeonatos provinciais.

A participação das provincias é mínima e, na generalidade, muito inferior à classe dos concorrentes da Estremadura; daqui resulta a quebra do interesse na competição e uma escassez de participantes que, em algumas provas, se reduziu à unidade estritamente indispensável.

Os representantes de Lisboa ganharam todos os primeiros e segundos prémios, excepto o segundo lugar dos 3.000 metros, da série A, e os títulos dos 80 e 150 metros da série B, que foram atribuídos ao conhecido Manuel Núnico, inscrito pelo Baixo Alentejo. Em catorze das 27 provas dos campeonatos não tiveram competidores de outras regiões.

Os resultados foram, na generalidade, bons na categoria dos mais novos, e muito mais fracos na categoria dos maiores de 19 anos. Esta segunda categoria foi criada para permitir a participação dos alunos das escolas industriais, mas verifica-se, afinal, o quasi completo desinteresse da sua parte.

Além de Núnico e Pinto Basto, atletas consagrados, e de Joaquim Campos, que já era campeão da F. N. A. T., nenhum outro valor se revelou entre os participantes da série B.

No grupo dos «menos de 19 anos» encontram-se muitas promessas e algumas realidades; entre uns e outros contam-se o saltador em altura João Serodio, os saltadores à vara Santos Vieira e Vieira da Fonseca, os corredores de velocidade Ramires Ramos, Vasconcelos Camões, Manuel Colaço e Martins Ferreira, o lançador de dardo Luís Nunes e o discóbolo Lobão Cruz.

O Colégio Militar foi o único estabelecimento de ensino que apresentou uma equipa completa e valorosa, mantendo as tradições dos seus honrosos pergaminhos.

A visita dos alunos do I.N.E.F. a Coimbra

O programa desportivo das festas da Queima das Fitas compreendia este ano um encontro entre a equipa da Associação Académica e os alunos do Instituto Nacional de Educação Física, campeões universitários de Lisboa.

As provas decorreram com grande entusiasmo e deram motivo a alguns resultados dignos de apreço e que atestam a boa forma em que se encontram já, neste alvorecer da temporada, alguns atletas.

Fernando Ferreira, que é sempre por norma o homem do abrir da época, alcançou uma expressiva vitória nos 100 metros, batendo Abreu Lima em 11,4s; mas, em contrapartida, o valoroso académico ganhou os 200 metros em 24,4s, tempo muito de ponderar numa pista traçada em campo de futebol, com curvas forçadamente apertadas.

Outra marca notável foi a dos saltos à vara, que Mário Lemos venceu com 3,30 m., o seu melhor resultado.

Os restantes vencedores foram: Fernando Ferreira nos 83 m., barreiras baixas, em 12,5, tempo modesto; o coimbrão Boffa, nos saltos em altura, com 1, m. 85, que denota estacionamento de possibílidades; Bustorff Ferro, atirando o disco a 31,62 m., e Ferreira o peso de 5 K, a 14, m. 12; finalmente, Abreu Lima saltou em comprimento 6, m. 38, que é alcance animador, mas para o qual se deve entrar em consideração com as condições favoráveis especiais da caixa do campo de Santa Cruz.

Na pontuação global, o I. N. E. F. bateu a Académica por 56 pontos contra 32.

O campeonato regional de fundo

No percurso de Queluz ao Campo Grande, com desvio por Loures, para completar os 30 quilómetros, a Associação de Lisboa fez dispu-

No festival da F.N.A.T.

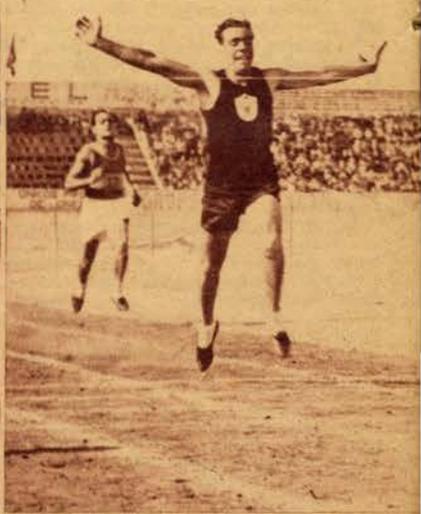


A exibição de senhoras

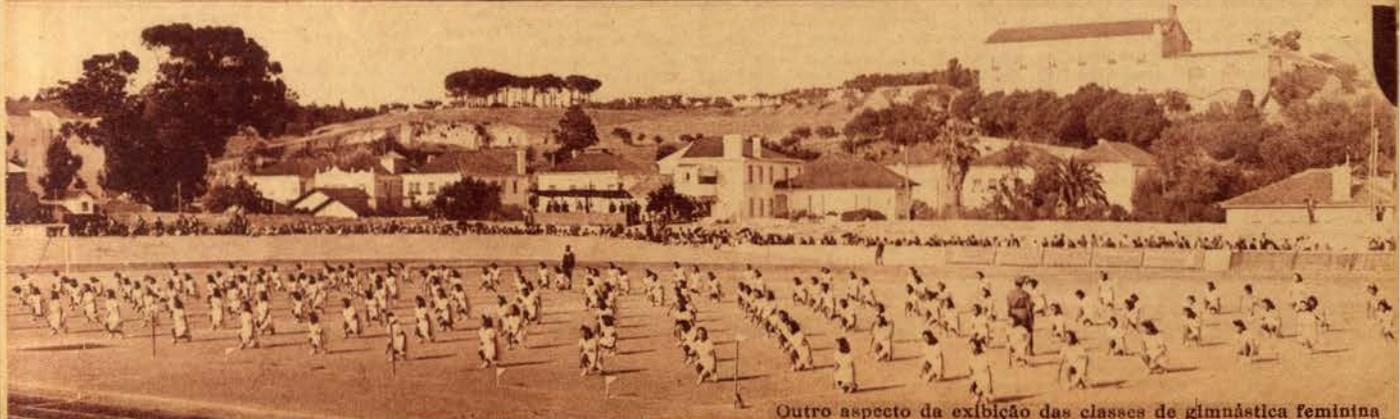
Um belo aspecto do desfile



Nas provas de atletismo — C. Gomes do B. S. B., ganha a corrida de 300 m.



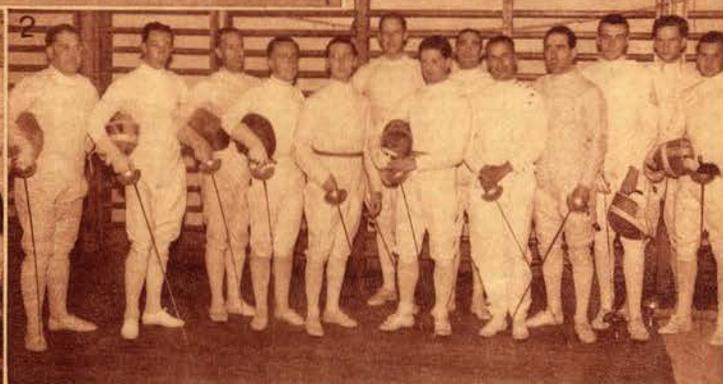
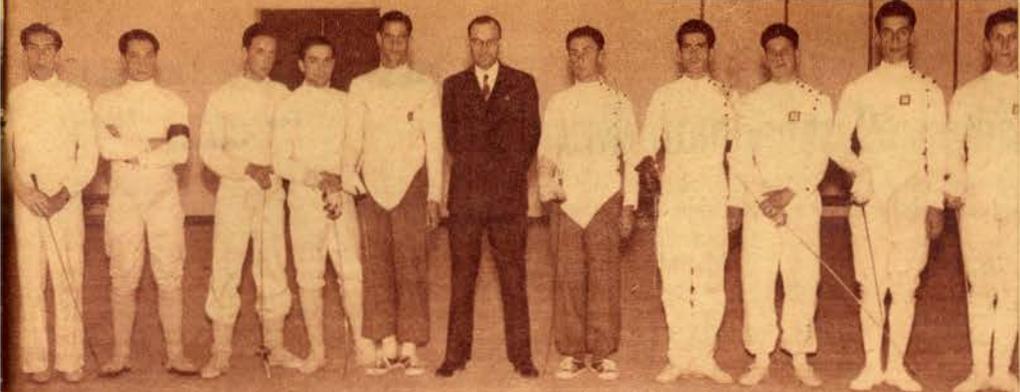
Exercícios de ginástica das classes de homens



Outro aspecto da exibição das classes de ginástica feminina

Acontecimentos da Semana

ESGRIMA: 1 — O sr. prof. dr. Marcelo Caetano é fotografado para a "Stadium" com os concorrentes ao campeonato nacional de flerete da "Mocidade"; 2 — As equipas que disputaram a taça "Lima Junior"; RUGBY: 3 — No jantar de homenagem ao "quinze" do Atlético, campeão de Lisboa, o sr. director do I. S.



3 — Agronomia profere o seu discurso. FUTEBOL: 4 — A equipa da Estação Central dos Correios, vencedora da taça "Engenheiro Duarte Pacheco". REMO: 5 — A representação de Viana do Castelo (D. Moreira, G. Martins, D. Sá,



J. Afonso e B. Rodrigues (timoneiro) que conquistou o campeonato nacional da "Mocidade". HOCKEY: 6 — As equipas que disputaram o 2.º Lisboa-Macau, ganho pelos macaistas por 3.1.

Chaves de todos os modelos

Perdau-as? Partiram-se? Roubaram-nhas? — manda fazer outras na

CASA DAS CHAVES

de

Amadeu Gomes da Fonseca

R. da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) ☎ Tel. 28050



Golpe de vista sobre o Campeonato Nacional

A rivalidade Norte-Sul — A posição do Carnide — Tudo pode acontecer — A derrota dos Unidos

SEM dúvida que, os moldes do actual Campeonato Nacional de basket-ball permitem aquilatar melhor, mais desportivamente, do valor de cada concorrente, assim como interessa mais ao público, por poder ver em luta de igual para igual, os nomes mais populares do basket-ball português. A prova, tal qual está, é muito mais racional.

Na I Divisão, as forças correm parelhas. Jogada a primeira *volta, verifica-se que o Carnide, actual detentor do título, embora mantenha positivo sentido de superioridade, graças a um conjunto que reputamos muito agradável para o nível do basket português, encontra tenaz oposição dos seus adversários, com mais evidência para o Unidos.

O torneio trouxe, na sua fórmula de disputa, um novo alicante: a questão de superioridade entre Norte e Sul, Porto e Lisboa, interpondo-se o valor de Coimbra. Durante muito tempo, mesmo algumas épocas, o Porto deu cartas na modalidade. Livoucou-se por vezes, e vamos, com certa razão, que a interpretação das leis era diferente, numa e noutra cidade. Factor de inegável importância, verificou-se, no entanto, que só por si não chegava para justificar a vantagem dos norteños. Estes revelaram sentido mais apurado do jogo, numa palavra: mais classe.

Com a uniformização das leis, com o contacto mais assíduo dos grupos das duas capitais, a igualdade de possibilidades, ganhou corpo.

Os lisboetas tomaram um «balanço» diferente, assimilaram permissões que lhes faltavam e criavam outros, que os portuezes, agora, estão procurando igualar.

E, parece-nos que não exageramos, dizendo que, no momento, o basket lisboense leva pontos de vantagem sobre o do Norte. O próprio campeonato o confirma. Mas, para esta apreciação, dispensamo-lo. Basta seguir

O festival da F. N. A. T.

A educação física dos operários portugueses, empreendida há anos com higiénico derivativo da sua labuta profissional, pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho teve no domingo, no Estádio do Lumiar, mais uma agradável demonstração de actividade.

Embora este festival não tivesse feito esquecer o brilhantismo de algumas notáveis apresentações anteriores e o número de executantes acusando também sensível diminuição, as classes que se exibiram mereceram bem os aplausos que a assistência, numerosíssima lhes dispensou e a obra educativa da F. N. A. T. — que era o que sobretudo importava — ficou exuberantemente demonstrada.

Foi tarde festiva no Estádio do Lumiar; ambiente alegre, entusiasmo fácil, multidão simpática. Na tribuna de honra, o sr. Presidente da Republica, a Sr.^a D. Maria do Carmo Carmona, o sr. Sub-Secretário do Estado das Corporações, eng.^o Sebastião Ramires, todos os dirigentes da F. N. A. T.; enchendo a bancada de lés a lés, os camarotes vistosamente engalanados com as bandeiras dos organismos filiados, alguns milhares de espectadores — com apreciável preponderância feminina.

O programa compunha-se de provas de atletismo: duas corridas, apenas, para dar a nota desportiva e que foram tecnicamente dirigidas pelo nosso camarada dr. Salazar Carneira, na sua qualidade de professor de atletismo da organização, e da apresentação de três classes de ginnástica.

A primeira que entrou no campo foi a classe especial, dirigida pelo tenente Alberto Marques Pereira, e que era a nossa «afilhada» classe feminina dos Armazéns Grandela, à qual foi dispensando o galardão que merecia pelo seu empenho e persistência. Boa exibição, apesar das condições difíceis em que trabalharam, perdida na enormidade do terreno; e a ligação mantida nos movimentos e o rigor conservado nos alinhamentos foram prova bastante da segurança da classe.

A parada masculina, de uma centena de ginnastas, comandada superiormente pelo capitão Herculano Cunha, teve excelente comportamento e exibiu um esquema vistoso e com exercícios bem combinados, que provocaram frequentes aplausos.

No final, a grande classe feminina dirigida pelo capitão Celestino Marques Pereira, com mais de cento e cinquenta executantes, acompanhou em merecimento a dos seus camaradas homens e encheu, com a graça harmoniosa dos seus movimentos e evoluções, o recinto habitando a espectáculo menos imponentes e formosos.

os jogos em que intervêm os portuezes, para, à vista desarmada, colhermos essa impressão; que a classificação geral do torneio, então reforça. O mesmo pensamento podemos aplicar aos concimbricenses. Não nos deram, até agora, a certeza de valem aquilo, que de longe, nos constava, o que não quer dizer impossibilidade de vencerem qualquer dos concorrentes melhores, e até de obterem um dos primeiros postos. Referimo-nos apenas ao «valor real» do grupo, à sua unidade técnica e de espírito de arranque.

Seja como for, o Campeonato Nacional da I Divisão, constituirá motivo de satisfação para os dirigentes federativos que o puzeram de pé, trabalhando sem descanso e uma dedicação sem limites. E entre eles, se não permitido destacar, o seu presidente, Manuel de Almeida Oliveira.

A primeira Divisão tem oferecido oscilações curiosas. Que os comprovam, afinal, as possibilidades dos clubes, quando usufruindo da vantagem do ambiente.

Até meio da semana passada, o Carnide tinha a seu lado o Unidos. Este, porém, foi ao Porto e numa partida movimentada, deixou-se suplantado pelo Vasco da Gama. Como os caridenses venceram o jogo de domingo passado, no Ateneu, contra o F. C. do Porto, isolaram-se de novo, e parece-nos difícil apela-los agora da posição em que se encontram.

No prélio de domingo, o Carnide não deu na 1.^a parte, o rendimento habitual. Aplicou-se pouco. Por outro lado, os portuezes, sem chegarem a constituir um perigo permanente no capítulo ataque, embarcaram notavelmente os lisboetas. A vantagem do Carnide poderia não existir, ao cabo de 20 minutos, que não escandalizaria.

No segundo tempo, as coisas tomaram outro rumo. O Carnide apareceu fulgurante. Todas as peças a carburar bem, dentro das características habituais da turma. O seu basket surgiu desenvolvido, rápido, desconcertante.

O F. C. do Porto deu réplica aos primeiros cinco minutos. Depois cedeu. Tinha de ceder mesmo, ante a cadência e o desenvolvimento de esquemas do seu adversário. Os pontos começaram a acumular-se. Um momento houve, em que os caridenses enlearam por completo os rapazes do Porto. A equipa estava bem lançada, e «refrescou-se» com algumas substituições que contribuíram decisivamente para alcançar a vitória. O F. C. do Porto deu-nos a sensação de fatigado. Deixa-se segura e rápida. O ataque, regular de início, falhou em demasia, depois.

A derrota do Unidos ante o Vasco da Gama, pode surpreender os que não conhecem o valor dos «cascais». Todavia, supuzemos que os lisboetas equilibrassem melhor a contagem. Tão saú, porém, muito bem aos portuezes e o Unidos ficou «fulminado» com a entrada velocíssima — e feliz — dos adversários.

O encontro de uma maneira geral agradou sob o ponto de vista técnico. E, mais a esse respeito, o público do Paço soube corresponder, parecendo em elevado número.

O Campeonato Nacional da II Divisão e o de Juniores prosseguem com regularidade. Naquele os vencedores das séries estão quasi definidos. Neste revelam-se novos valores e há conjuntos susceptíveis de franco progresso. Entre os novos esta prova está obtendo um êxito valioso. Ocupar-nos-emos dela oportunamente.

LANÇA MOREIRA

HOCKEY EM PATINS

O PAÇO DE ARCOS H. C.

ganhou a primeira competição oficial da nova época

Ao cabo de largo intervalo, começou a nova temporada do «hockey» em patins.

A época, que vai ser trabalhosa para clubes e jogadores, abriu com um torneio-relâmpago, enjos desafios (20) foram disputados em duas noites da última semana, no «rink» do Estádio Mayer. Apenas, para documentação, publicam-se os seus resultados: Eliminatórias: H. C. Sintra-Ateneu, 2-1; Lisgás-Sp. Oeiras, 4-7; Cascais-H. C. Oeiras, 2-1; P. Arcos-Académica da Amadora, 2-1; F. Benfica-Beira, 4-3; P. Arcos-Tabacos, 10-0; Lisgás-Cascais, 1-0. Meias finais: H. C. Sintra-F. Benfica, 3-0; P. Arcos-Lisgás, 5-4. Final: P. Arcos-H. C. Sintra, 1-0.

Houve desafios realmente interessantes, disputados com animação, e o torneio decorreu, na generalidade, sem atritos. Cinco «teams» se distinguiram, dos onze que se apresentaram na competição: Benfica, Cascais, Lisgás e os dois finalistas. Ganhará o melhor? Queremos parecer que não sucedeu bem assim, porque os campeões nacionais tiveram certa felicidade nos dois últimos desafios. A final indicada seria, realmente, entre o Lisgás e o Hockey de Sintra, talvez, até, com a participação do Benfica — se não fora aquele «goal» arrestrado, a dois segundos do final do seu único jogo, que lhe tirou todas as esperanças... Mas está bem: o Paço de Arcos era, na realidade, uma das equipas que se esperava fosse vencedora — como afinal sucedeu.

Jesus Correia pode apontar-se como o verdadeiro campeão do torneio. A sua tenacidade, em ocasiões decisivas, ficou o Paço de Arcos a dever o triunfo.

Eis um jogador de fibra, capaz dos maiores compromissos — quando é preciso... Foi pena que os companheiros não o acompanhassem tão bem como seria para desejar.

Há outros jogadores que merecem citação: Príncipe, cujo esforço na luta com o Lisgás foi notável e valeu o desafio; Cabrita, Pedrosa, Olivério, o «sintrense» Velez (ex-Campo de Ourique), Machado, Carvalho e o estreante Rebelo — chamado, em recurso, a defender as balizas do Futebol Benfica e que deu muito boa conta de si.

Taça «Tomé Fêteira», em «handball»

DEPOIS de concluído o campeonato de Lisboa de «handball», a organização deste torneio dotado com a taça «Tomé Fêteira», disputado pela terceira vez, podia considerar-se como excelente ocasião para treino das equipas regionais que hão-de participar no campeonato nacional e, simultaneamente, de pretexto para confirmação do seu valor.

Afinal, os dias sucedem-se e não se assemelham; Unidos e Sporting, os clubes classificados, boquearam ambos e, por coincidência, ante o mesmo adversário, o Belenense, cujo termo de época está sendo actual.

No domingo passado fez a Associação disputar as duas meias-finais em Almada e na Amadora, com o mesmo êxito que alcançara oito dias antes na Trafaria. A campanha de propaganda tem-se desenvolvido sob os melhores auspícios e vai ter no próximo domingo, certamente, o melhor remate.

Não era fácil prever qual dos dois grupos que se classificaram no encontro decisivo: de um lado veio o Belenense, derrotando os mais difíceis competidores, o Unidos primeiro e o Sporting depois; do outro chegou o Marvilense, que conseguiu eliminar o Estoril Praia e, em seguida, rotundamente, o sempre enérgico e batalhador «Os Treze».

Que resultará deste último choque? Lógicamente e sem desprimor, cabem as preferências aos Belenenses, mais experiente e conhecedor — mas os Marvilenses têm afirmado tamanhos progressos que é natural pensar que hajam adquirido a confiança bastante nos seus recursos para destruir os mais fundamentados prognósticos.

O campeonato regional de «volley-ball»

Val já para a terceira jornada o campeonato regional de «volley-ball», que este ano reúne 10 clubes, repartidos em duas divisões.

A prova começou mais uma vez tardíssimo, sem parcela de responsabilidade para os dirigentes, e por isso teve de ser modificada na sua forma de competição, para abreviar.

A divisão de honra, única que começou em actividade, foi cindida em duas séries, cujos vencedores disputarão o título em jogo decisivo.

Com o Técnico, campeão crónico, ficaram Benfica, Belenense e Nacional de Natação; a sorte designou para companheiros do Parede o segundo do anterior campeonato, Internacional, Sporting e Promotora.

Não nos merece aplauso a fórmula escolhida para a prova, que se aceita, apenas, pela força das circunstâncias; enquanto o organismo dirigente não der a tempo uma extensão suficiente para assegurar aos praticantes actividade compensadora dos seus esforços de preparação, os progressos serão sempre contingentes e a expansão da modalidade insuficiente e ingrata. Nas jornadas até agora decorridas registaram-se alguns encontros muito bem jogados e, sob outro aspecto, algumas atitudes curiosas.

No primeiro caso temos, por exemplo, os jogos do Internacional — um dos favoritos da prova — contra o Sporting e o Parede, os quais ambos venceram após dura e incerta luta. Também o mesmo se pode dizer dos encontros do Belenense com o Técnico e o Benfica, em 3.^a categoria, porque foi nesta que os «cazuis» retiraram os seus melhores elementos, na tentativa de conservar um título de que são detentores.

No domingo passado, esta categoria belenense não conseguiu, apesar de tudo, evitar a derrota, algo inesperada depois da sua vitória sobre o Técnico, em cuja equipa alinho Fernando Frade. Mas pior sucedeu à 2.^a categoria dos «cazuis», que sofreu falta de comparação... E a propósito occorre-nos perguntar: se, por acaso, for eliminada a 2.^a categoria de qualquer clube, qual a situação legal da categoria inferior? Permite-se-lhe a continuação na disputa de seu campeonato?

Há aqui, em consciência, um problema de moral desportiva a resolver.

ESSECÉ

O aniversário de «Os Ridículos»

Festejou há dias a passagem do 33.^o aniversário o nosso prezado colega «Os Ridículos», o popular bi-semanário humorístico, que chega aos mais reconditos cantos do país.

Congratulamo-nos sinceramente com o «cto. Aqui deixamos a Rebelo da Silva, seu illustre director e nosso querido amigo e bom camarada, um afectuoso abraço de parabéns, com os melhores votos de constante prosperidade.

Da apreciação genérica da actividade das onze equipas, uma interrogação fica: joga-se mais em velocidade e menos em contacto ou vive-se de individualismos e accões isoladas de um ou outro elemento mais habilitado? O «hockey» em patins é um jogo de equipa — e todos os personalismos são prejudiciais, desde que não tenham fundamento. O «caso» do sintrense Carvalho, na final, é sintomático — e deve apontar-se para reforço da ideia; constitui um erro supor-se que um bom elemento possa ser útil quando se isola. O Carvalho, procedendo da maneira como procedu contra o Paço de Arcos, fez, é certo, convergir para si todas as atenções do público, mas não foi, nem podia ser, útil à equipa, tirando-lhe, até, uma provável ocasião de vitória.

O torneio serviu de indicação de possibilidades para o próximo campeonato. É certo que algumas das equipas «treinaram» de mais — mas, isso é consequência lógica da melhor preparação: o Lisgás, por exemplo, foi além do que esperáramos... E o Cascais e o Hockey de Sintra afirmaram progressos, especialmente o último, no seu «rink», deve ser difícil para qualquer.

JORGE MONTEIRO

para a categoria de estreantes

efectua-se nos proximos dias 3 e 4 de Junho



«STADIUM» APRESENTA

Onofre Tavares

Campeão regional de velocidade em bicicleta aos 16 anos

Já tivemos ouvido o seu nome. Não era, portanto, para nós, o que se chama verdadeiramente um «desconhecido». Mas, se o não era pelos dos seus «feitos» como corredor ciclista, ainda não havíamos tido a oportunidade de travarmos conhecimento com ele.

Foi há dias, no «Excelsior», que estabelecemos o primeiro contacto com o mais «meio» corredor ciclista — ainda mais pequeno e menos encorpado no físico do que o conhecido Trindade.

José Parreira, velho amigo e colega dos mais distintos, encarregou-se de no-lo apresentar.

Estávamos todos em conversa amena, discutindo os últimos acontecimentos no ciclismo regional, quando da nossa mesa se acercou um rapaz novo, ainda imberbe, de altura meã, aspecto frágil. Entrou na conversa, deotando o seu que característico dos habitantes de uma das freguesias circunvizinhas do Porto.

— Quem era? — inquirimos.
— Onofre Tavares, campeão regional de velocidade — informaram-nos.

Ficamos a olhar aquele corpo franzino, quasi sem músculos, de olhar vivo, esperto, mas verdadeiramente adolescente. A nossa curiosidade estava despertada. Sabíamos que tinha triunfado brilhantemente nos campeonatos regionais de velocidade, na categoria de «amadores-seniores», igualando em tempo — 35 s. — os independentes. Perguntámos a idade; 16 anos, disseram-nos.

E o resto veio a seguir: Impossibilidade de tomar parte nos campeonatos nacionais de «fundo», por disposição legal, vai agora correr nos nacionais de velocidade, por estar devidamente autorizado superiormente.

Onofre Tavares pertence à equipa do F. C. do Porto, sendo discípulo de Aniceto Bruno, que nele vê um futuro campeão nacional. Transmite-lhe os seus ensinamentos. Treina-o, educa-o, procura dar-lhe a oportunidade para ser algum no ciclismo. Onofre atribui-lhe com sincera eustasia — e uma amizade grande — os dois corredores. O pequeno corredor «azul-branco» é das mais legítimas esperanças do ciclismo norteño, porque dispõe de excelentes qualidades. Muito modesto, fugido a tudo quanto seja exhibicionismo, tem os que os franceses classificam de «complexos» e «endurance», dois atributos indispensáveis a um bom velocipedista.

Val, por isso, aos nacionais de velocidade consciente da sua missão — e com salutar dose de optimismo para enfrentar as contingências da prova.

Não esconde a admiração pelo seu clube, o F. C. do Porto, e pelo seu mestre, Aniceto Bruno, cujas pisadas pretende seguir para satisfazer o seu sonho: ser campeão nacional...

Diz-nos tudo isto com certo ar acanhado, quasi admirado de quererem saber tanto... Quando lhe falamos das suas possibilidades bailou-lhe no olhar uma chama viva, como que animado por fulgor estranho.

Há ainda ingenuidade nas suas expressões. Muito jovem, o futuro aparece-lhe simbadé de brilhantismo, mesmo através das suas aspirações modestas...

Grande coisa, a mocidade!...

SEMANA A SEMANA

O VII aniversário do Portuense Rádio Clube

Está a decorrer com o maior interesse o 7.º aniversário do Portuense Rádio Clube, colectividade que tem dado acentuado concurso à causa da rádiodifusão e do desporto.

De seu programa, que tem sido cumprido com rara felicidade, constava um torneio de tennis de mesa entre jornalistas, que se efectuou ontem. Houve igualmente desportos de futebol e «basket» e torneios de tennis de mesa entre os associados. Amanhã será o jogo entre os grupos femininos do Portuense e do Grupo Propaganda de Natação, secção de Ermezindo, assim como uma prova de bilhar livre.

No dia 3 effectua-se uma sessão solene, à qual presidirá o sr. governador civil do distrito, com a assistência de outras autoridades.

As festas, que começaram em 21 do corrente, encerram-se no próximo dia 4 de Junho, incluído, além do que já se mencionou, programas radiofónicos, encontro de xadrez entre João Mário Ribeiro, o nível Mestre, e Leonel Pias, sessão de cinema, variedades, almoço de confraternização, inauguração da bandeira, balles, «pic-nic» misterioso e demonstrações de aviominiatura.

Ao Portuense — os nossos sinceros parabens.

Os desportos na «Mocidade Portuguesa»

A Divisão do Dono Litoral da «M. P.», após a realização de jogos preliminares, ganhou os campeonatos de «hand-ball» e futebol, este em cadetes, da série A.

Estas vitórias dos rapazes portuenses, lutando em ambiente de desportivismo puro, de lealdade e correcção inexcusáveis, têm sido muito apreciadas no nosso meio desportivo, onde as organizações da «Mocidade Portuguesa» são acompanhadas com carinho e afecto.

Parar, por quê?

DIZEM que somos assim por uma lei natural... Talvez consequência da nossa posição no globo, possíveis influências da nossa meridionalidade, admittamos reflexos de raça, desta mistura de sangues de tantos povos que aqui vieram — a Ibéria — deixo a uma terra predominantemente, num estado que hoje ainda, tantos séculos passados, impera sobre nós com potência esmagadora e real.

Dizem que são assim todos os latinos. Nem acreditamos — nem contrariamos. Somos... porque somos, haja ou não razão da parte daqueles que vêem nessa nossa disposição qualquer acção longa de anos ou reacção no nosso comodismo contra o trabalho, do nosso sedentarismo contra a actividade.

Em boa verdade, mais ou menos, todos sofremos do mesmo mal: O «não-ter-razão» — a «deixa correr», esta fadiga que, repentinamente, se apodera de nós, quando justamente a acção é exigida.

Recolhemos uma ideia, um pensamento, uma determinação. Abaixamo-la convicentemente, certos de que logo entraremos em combate para iniciarmos a nossa actividade, que adovinhámos soberba.

Hoje, depois, no dia seguinte, vamos lutando animadamente — mas dia a dia menos que antes, até que o entusiasmo surge e começamos a perguntar quem nos mandou meter em trabalhos... O «Sancho Pança» que todos trazemos, mais ou menos incluído no nosso ser, entra em luta com o nosso «quixotismo», cada vez mais alicante, cada vez mais tentador — e cada vez mais ouvido.

Vem o tédio... E daí ao abandono do projecto vai um passo...

Mas por que há de ser assim? Porque não haveremos de succidir e eliminar esse marasma que antigamente, que subverte, transformando assim a nossa fonte perene de labor constante, profícuo e regular?

Porque não haveremos de proseguir na mesma ideia, com o mesmo determinativo inicial, com o mesmo afã, com o mesmo impulso criador que fez germinar o pensamento — mas para o qual nos falta como que a força concretizadora?

Porque não haveremos de deixar, perseverar, lutar pela subsistência de qualquer assunto que a nossa imaginação fôr capaz de fazer e que a nossa passividade intenia diminuir ou expurgar da nossa vontade?

Puzemos, em lance rápido, a nossa retentiva sobre todos os casos, factos, ideias ou pensamentos que vieram um dia à luz da imaginação de tantos, e vejamos quanto se perderam — só porque lhes faltou o fogo sagrado da voluntariedade íntima, a chama forte e viva da realidade prática, traduzida em obras e não em palavras balofas, amargas, vazias de sentido real e positivo.

Numa visão, mesmo superficial, sobre o aspecto desportivo do que estamos escrevendo, atentemos naquilo que se fez e se perdeu e no muito que não se realizou, porque faltou o entusiasmo, a energia, a mocidade que tudo alinha num prisma belo e encorajador.

Quantas ideias novas, quantas realizações se afogaram no mar da indifferença, na onda amareladora de egoísmo doente, que amalgama, destrói e não nos permite ver o que de bons os outros possam fazer — só porque não é feito por nós?

Reparemos na sentença feita, nesse germinar disperso pelo campo das actividades desportivas, e recordemos quanto de bom se perdeu, quantas obras boas fenezeram, porque não tiveram o amparo merecido, porque lhes faltou o apoio prático nos primeiros passos, porque entramos a sua sorte muito que de optimo outrem criou, numa dádito solene as necessidades do desporto nacional?

Passos perdidos, terreno deixado a monte, searas que murcharam porque lhes escasseou a água do entusiasmo, da fé...

Apontar exemplos? Para quê?... São tantos!

E por isso paramos, por isso estagnamos, por isso cessamos que tudo seja absorvido pela arida mudez do nosso indifferente, pela pántano do nosso comodismo irracional e ilógico.

Parar, por quê?

Por que não caminhar, seguir, percorrer a estrada larga e arrojada com querer acentuado, levando nos lábios uma prece única e especial, no coração um amor pela causa que defendemos acrisoladamente e no cérebro um pensamento só: «Tudo pelo desporto»?

É tempo ainda. Haja confiança, dinamismo, personalidade.

Vamos todos. Mas todos. Olhos postos no futuro da nossa causa, pensamentos aliados na mesma vontade firme, determinados a fazer, a construir, a espalhar a boa semente! E quando o desânimo nos tentar, quando as contrariedades surgirem, digamos, cada qual consigo mesmo: Parar? Por quê?!

MÁRIO AFONSO

Aos jovens campeões os nossos parabens — com os melhores desejos de que prossigam na sua carreira, sempre norteados pelos princípios que observam hoje tão escrupulosamente.

Ciclismo em pista

Há grande movimento no nosso ciclismo. Após a primeira organização de pista, que foi animadora, outras se seguirão. No passado domingo deveriam correr os representantes do Salgueiros. A seguir apresentar-se-á a equipa do Boavista, que inicia a sua acção nesta modalidade apresentando um «duos composto» por Trindade e Marquês, dois nomes grandes do ciclismo nacional.

Devem seguir-se outras organizações para apresentação dos agrupados lisboetas. Projecta-se igualmente realizar as «3 horas ciclistas».

MÓVEIS JOAL
DESENHAM, EXECUTAM E DECORAM

Av. Almirante Reis, 233-B (Carro do Arrietro)

TELEFONE 4 4033

L I S B O A

ANO XII — Lisboa, 31 de Maio de 1944 — II SÉRIE-N.º 78

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



CICLISMO — Campeonatos regionais de velocidade: 1 — João Lourenço conquista o título na categoria de Independentes; 2 — Campos Avelar, vencedor em amadores júniores; 3 — Dias Santos, campeão de amadores sêniores



CONHEÇA A SUA TERRA...

VIAJANDO NUMA
FLECHA
a bicicleta da actualidade

A ILUMINANTE

Avenida Almirante Reis, 8 - Largo do Intendente, 11-17

TELEFONES: 46188/7 E 51148

LISBOA

ATLETISMO — Manuel Gonçalves, campeão regional de fundo, corre já próximo da meta



NA PROVA DE PATRULHAS MILITARES
entre Braga e Lisboa

1 — chegada da patrulha de Engenharia, vencedora da prova; 2 — A patrulha da Marinha corta a meta com entusiasmo

